

# A importância da formação no **turismo de aventura**

MÁRIO DINIS SERRAZINA MENDES SILVA \* [ mario.silva@eshte.pt ]

FRANCISCO ANTÓNIO DOS SANTOS DA SILVA \*\* [ francisco.silva@eshte.pt ]

LUÍS ALBERTO DIAS CARVALHINHO \*\*\* [ carvalhinho@esdrm.ipsantarem.pt ]

**Resumo** | O desenvolvimento do turismo na natureza e de aventura reflete a evolução das motivações e comportamentos de um turista com crescente interesse pela natureza e meio rural, sedento de práticas turísticas mais ativas, desafiantes e emotivas, e em contraponto aos modos de vida mais urbanos. Pretende-se, neste artigo, analisar a importância da formação dos técnicos de animação turística para enquadrarem atividades de turismo de aventura, considerando-se como caso de estudo a atividade de *canyoning*. Esta é uma modalidade particularmente exigente em termos técnicos e de conhecimento do meio, por decorrer predominantemente em ambientes sensíveis e por frequentemente implicar riscos acrescidos.

**Palavras-chave** | Turismo na natureza, Turismo de aventura, Formação, *Canyoning*.

**Abstract** | The development of the nature based tourism and adventure reflects the evolution on motivations and behaviors of tourists with growing interest in nature and countryside activities. These tourists are thirsting for more active, challenging and emotional tourist practices, in contrast to urban life style. This article intends to analyze the importance of training technicians for tourist entertainment with specific skills for adventure and sport activities. Thus, canyoning was chosen as a case study as this is a particularly demanding sport, both concerning technical requirements and knowledge of the surrounding environment, given that it predominantly occurs in sensitive environments and involves several risks.

**Keywords** | Nature-based tourism, Adventure tourism, Training, *Canyoning*.

---

\* **Mestre** pela Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. **Assistente 2.º** Triénio da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

\*\* **Doutor** pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. **Professor Adjunto Convidado** da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.

\*\*\* **Doutor** pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. **Professor Coordenador** da Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

## 1. Introdução

Atualmente o turismo apresenta-se como um setor cada vez mais representativo para o desenvolvimento socioeconómico das sociedades contemporâneas, com particular destaque para o segmento de turismo na natureza que apresenta uma das maiores taxas de crescimento, perspetivando-se a continuação desta tendência (World Tourism Organization (WTO), 2003).

No contexto atual, em que as modificações do comportamento social retratam um estilo de vida mais urbano e sedentário, o turista reflete-se num consumidor mais ativo (física e intelectualmente), mais experiente e exigente, e ávido de experiências que respondam às suas motivações e interesses de entretenimento, desenvolvimento pessoal e escape.

A progressiva alteração nas dinâmicas do lazer e motivações turísticas conduzem ao desenvolvimento do turismo alternativo, que se diferencia do turismo de massas, pelo acréscimo da importância dos valores naturais e culturais do destino turístico, bem como pela troca de experiências entre os turistas e residentes, privilegiando a conservação ambiental e social (Burnay, 2006). Assim, com o contacto com a natureza cada vez mais pretendido pelas sociedades desenvolvidas, numa tendência para os atuais turistas procurarem experiências novas, mais genuínas e também mais ecológicas, o turismo na natureza desponta como um dos segmentos do turismo que melhor responde a esta procura, pois pressupõe o usufruto da natureza, o contacto com o ambiente rural e cultura local através de práticas tão diversificadas como os desportos de aventura, a observação e interpretação ambiental, a gastronomia, manifestações etnográficas e o alojamento rural.

Assim, em resposta às necessidades de um turista mais ativo, que impõe a prática de atividades de animação dentro do espaço de lazer (Almeida, 2004), assiste-se a um desenvolvimento acelerado do turismo ativo, nomeadamente nas vertentes de turismo na natureza e de aventura, que têm apresentado um crescimento significativo, visível no aumen-

to de prestadores de serviço de animação turística, bem como no surgimento de inúmeras atividades recreativas ou desportivas e produtos associados à animação turística, como consequência de novas formas de fruir a natureza.

Estas atividades na natureza, crescentemente implantadas e capazes de responder a novas necessidades da procura, no sentido de se experienciar a aventura, de contactar com a natureza e de alcançar o bem-estar físico e psicológico, apresentam-se como uma componente essencial na diversificação e renovação da oferta turística (Instituto para a Qualidade na Formação (IQF), 2005). Embora os desportos na natureza e de aventura surjam como um dos principais vetores do turismo na natureza, e não obstante dos seus benefícios, é necessário não esquecer que a sua prática assume alguns riscos para os intervenientes, decorrentes da interação de vários fatores como o meio onde se desenvolvem, características dos intervenientes e especificidades das atividades.

Outro aspeto relevante é que a prática de atividades de natureza pode ter um forte impacto ambiental com consequências nocivas para os locais utilizados, pois envolve um contacto efetivo com um ambiente, geralmente, sensível, pouco humanizado e de grande riqueza natural. No entanto, estes impactos podem não ser apenas negativos podendo estas práticas auxiliar a recuperação de áreas degradadas, a correção de atitudes e práticas, e promover a educação e proteção ambiental e o desenvolvimento local.

Face à crescente procura de produtos de animação turística na natureza e de aventura, e atendendo às características destas atividades, exige-se, para uma prestação de serviço de qualidade, sustentável e segura, que os recursos humanos envolvidos apresentem competências adequadas às exigências, tendo por base uma formação sólida e contínua.

Pretende-se, com este trabalho, analisar a formação aplicada à animação turística e, em particular, ao *canyoning*, refletindo sobre a formação desenvolvida nesta área, de forma a compreender melhor os

conhecimentos e competências que os modelos de formação devem transmitir e a sua importância para o desenvolvimento deste segmento.

O estudo de caso do *canyoning*, tem por base o grande potencial como produto de animação turística, a diversidade e a multidisciplinaridade da atividade. Trata-se, segundo a *Observation, Développement et Ingénierie Touristique* (ODIT, 2008), de um desporto que se pratica num ambiente natural, que consiste em descer um rio ou ribeiro, mais ou menos encaixado, podendo apresentar cascatas, piscinas e partes sub-verticais, e que exige uma progressão por diferentes técnicas (caminhadas, natação, saltos, *tobogans*, destreps, rapel e outras técnicas de progressão por corda). Sendo, de acordo com Soto, Hernando, Fernández e Garcia (2003), necessário respeitar uma série de recomendações, desde a condição física e conhecimentos técnicos dos praticantes, passando pelos procedimentos (planeamento, segurança, e progressão) a seguir antes e durante a atividade, para reduzir os riscos que esta atividade contempla.

## 2. Turismo na natureza e de aventura

A designação para este tipo de atividades não é consensual, existindo alguma confusão terminológica (Carvalhinho, 2006; Mehmetoglu, 2007), podendo encontrar-se várias denominações, desde turismo ativo, turismo de natureza, turismo na natureza ou turismo de aventura, entre outras.

Independentemente da designação trata-se de um turismo mais vocacionado para a participação, para a descoberta e para a iniciativa, contrapondo as férias em que impera o descanso passivo (Almeida, 2004), com uma relação efetiva entre os setores do turismo, desporto e ambiente, sendo a fronteira muito ténue e pouco definida entre estes, dependendo, essencialmente, da motivação dos consumidores e prestadores de serviços. Dada a proximidade das atividades, nomeadamente de desporto, aventura e

natureza, por vezes é difícil distinguir alguns produtos turísticos ou de lazer de outros segmentos.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 95/2013, o turismo de natureza refere-se às atividades de animação turística desenvolvidas em áreas classificadas ou outras com valores naturais, que sejam reconhecidas como tal pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF). No entanto, o turismo de natureza não se limita apenas às áreas protegidas ou outras reconhecidas pelo ICNF, sendo esta circunstância um preciosismo português, pois este reporta para todos os espaços naturais, sendo mais adequado falar em turismo na natureza.

Dentro do turismo na natureza podem distinguir-se dois grandes segmentos que podem ser complementares, um tendo como base a componente de interpretação ambiental e outro associado aos desportos na natureza e de aventura. Tendo como principais motivações a realização de atividades lúdicas, desportivas, educativas ou de relaxamento, ou seja, práticas que aproximam o Homem da natureza de uma forma saudável e não nociva para a conservação da mesma.

Com a vertente desportiva cada vez mais procurada, sendo o destino escolhido muitas vezes pelas qualidades intrínsecas para a prática desportiva (Hudson, 2003), o turismo de aventura está estreitamente relacionado com o turismo na natureza (Buckley, 2010), diferenciando-se por requerer uma participação ativa na exploração de uma nova experiência, associada a um desafio pessoal, emoções fortes e aventura (Sung, 2004) e envolvendo, geralmente, algum risco real ou percebido, físico ou psicológico (Buckley, 2010).

Estamos perante um tipo de turismo que envolve, frequentemente, a prática de atividades físicas, o contacto com a natureza e a descoberta de locais inóspitos, que produzem elevado bem-estar pessoal, com o risco e a aventura como atração essencial para que o indivíduo possa confrontar a natureza, ultrapassar medos e desafios, fortalecer sentimentos de competência e superar os próprios limites. Para Cater (2006), enfrentar situações incomuns e concluir com

êxito uma atividade são inegavelmente um importante atrativo no turismo na natureza e de aventura. Segundo Wu e Rong-Da (2011), o nível de desafio destas atividades e a significativa diversão proporcionada influenciam positivamente a experiência turística, promovendo um clima positivo, a satisfação e consequentemente a fidelização do cliente.

O aumento da procura por práticas de turismo na natureza deve-se à crescente necessidade de fuga e de retorno à natureza, e autenticidade que os territórios de matriz rural preservam ao nível dos recursos naturais, histórico-arquitetónicos e culturais. Assim, o turismo na natureza e de aventura distinguem-se de outros segmentos do turismo, tanto pelas motivações como pela atitude dos turistas relativamente aos espaços de elevada singularidade de recursos e de alto valor ecológico e paisagístico.

### 3. Formação em turismo na natureza e de aventura

A formação é cada vez mais uma exigência do quotidiano, tanto a nível pessoal como organizacional, pois estamos numa época em que o 'prazo de validade' de muitos dos nossos conhecimentos tende a tornar-se mais limitado e precário (Ferreira, 2003). Exige-se, assim, o alargamento da formação a todas as áreas do saber, a todas as fases da vida e a todas as organizações, tornando-a contínua como contínuas são as transformações da sociedade. Assim, a formação deve assumir-se sólida e contínua no tempo, considerando sempre a sequência lógica do encadeamento e alargamento dos conhecimentos.

Neste sentido, a formação deve ser um processo, formal ou informal, de aquisição de conhecimentos ou adoção de atitudes e comportamentos (Câmara, Guerra & Rodrigues, 2001), que possibilite o desenvolvimento de diferentes 'saberes' que se inter-relacionam e complementam (Figura 1), sendo esta harmonia de 'saberes' essencial para a formação de indivíduos mais capacitados para responder às ne-

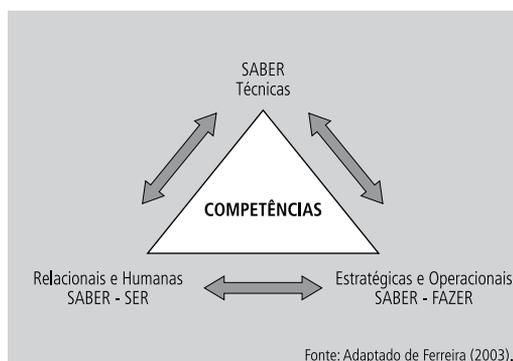


Figura 1 | Inter-relação de diferentes 'saberes'.

cessidades das funções ou atividades desenvolvidas, o que se reflete em organizações mais produtivas e competitivas.

Ao nível do turismo, a importância da formação de recursos humanos é notória pelo facto de se estar na presença de uma 'atividade humana' que tem por base as pessoas, isto é, feita por e para estas. Sendo que no âmbito do turismo na natureza e de aventura as exigências de formação são ainda mais evidentes por se estar na presença de atividades que pelas características intrínsecas (natureza, risco, incerteza, desafio, etc.) requerem conhecimentos específicos de diversas áreas e impõem, segundo Marcial (2003), que quem as proporciona e organiza tenha formação adequada e reúna todas as condições de segurança.

Estas necessidades ou lacunas de formação são notórias em Portugal, pelo facto de a falta de experiência e de conhecimento processual (*know how*) ser uma das principais lacunas na área do turismo na natureza e aventura (Turismo de Portugal, I.P., 2006), bem como pela escassez de profissionais especializados, fomentada pela insuficiência de formação específica para esta área e a ausência de reconhecimento das competências de profissionais pela via da experiência (IQF, 2005).

Assim, o desenvolvimento sustentável da prática das atividades de animação turística deve assentar na formação, direcionada e estruturada, dos recursos humanos envolvidos, uma vez que a qualidade

e segurança destas atividades estão estreitamente ligadas com as qualificações e competências dos intervenientes (Figura 2).

Os profissionais nesta área devem ter titulação correspondente, sustentada numa qualificação adequada (Soto, 2007), uma vez que, o profissionalismo será, certamente, um fator de competitividade, e mesmo de diferenciação. O aumento da qualificação profissional é uma necessidade urgente e a Organização Mundial de Turismo (2003) transmite isso mesmo, alertando pela urgência de qualificar os recursos humanos para o setor.

Apesar de institucionalmente reconhecidas as responsabilidades e competências dos diversos organismos públicos, o papel regulador do Estado português, até ao momento, ainda não corresponde “às expectativas dos muitos interessados (praticantes e candidatos a técnicos) e atuais ‘profissionais’ que desenvolvem as suas práticas e atividades profissionais” (Carvalhinho, 2006, p. 32), existindo ainda muito a desenvolver para regulamentar a formação turismo na natureza e aventura em Portugal.

Tendo em consideração que se está perante atividades que acarretam riscos acrescidos que podem, em parte ser controlados a partir do momento em que existam técnicos devidamente qualificados para as conduzirem, é reforçada a importância da formação e a necessidade de desenvolver iniciativas que a regulamentem, bem como toda a atividade turística e desportiva na natureza e de aventura.

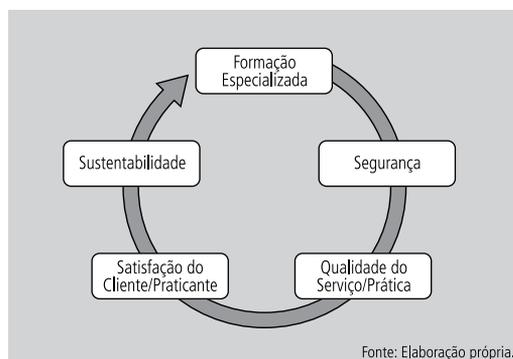


Figura 2 | Importância da formação.

#### 4. Metodologia

O estudo tem como ponto de partida as necessidades reais de qualificação dos técnicos de atividades de aventura e natureza, sendo igualmente justificada por existir um défice de oferta formativa e esta ser, por vezes, insuficientemente estruturada. Deste modo, após a revisão da literatura, foram desenvolvidos contactos exploratórios com diversas organizações, formadores e especialistas portugueses, para fazer um diagnóstico da situação atual e das necessidades de formação ao nível do *canyoning*.

Este trabalho teve como população alvo os praticantes autónomos e os técnicos de *canyoning* portugueses, com intervenção profissional ou benévola em atividades da modalidade. A recolha dos dados do estudo foi realizada utilizando como instrumento de medida um questionário, composto por um conjunto de questões maioritariamente fechadas. Com o questionário aplicado no âmbito nacional, entre novembro de 2009 e março de 2010, pretendeu-se conhecer a opinião dos técnicos e praticantes autónomos portugueses acerca da formação e competências profissionais em atividades de *canyoning*, no âmbito turístico ou desportivo.

Em relação ao tipo de amostra, realizou-se uma amostragem probabilística estratificada, optando-se por estratificar a amostra em relação à forma como a população desempenha a atividade, numa intervenção técnica, profissional e amador (benévola) ou como praticante (Quadro 1).

A análise descritiva e análise comparativa foi efetuada através de procedimentos e técnicas estatísticas utilizadas com o intuito de apresentar a opinião dos técnicos e praticantes de *canyoning* acerca da formação e competências nesta atividade.

Quadro 1 | Caracterização da amostra

Total	Desempenho da atividade		
	Profissional n = 31	Amador n = 31	Praticante n = 32
n = 94			

Fonte: Elaboração própria.

Numa primeira fase realizou-se a análise descritiva das variáveis, sub-variáveis e categorias, de modo a estudar a formação realizada, as expectativas de formação e as competências dos técnicos e praticantes de *canyoning*. Para analisar e interpretar os resultados dos questionários utilizam-se parâmetros de tendência central (média), sendo a sua leitura e exploração facilitada pelos quadros apresentados.

A análise comparativa das variáveis dependentes (expectativas de formação e competências) considera como variável independente o 'desempenho da atividade', tendo-se aplicado a técnica estatística paramétrica 'Análise da variância fatorial – ANOVA', por se tratar da técnica mais adequada e por se satisfazerem os pressupostos para a sua utilização, nomeadamente, variável dependente quantitativa, distribuições normais e variâncias homogéneas.

O tratamento dos dados recolhidos foi realizado através do programa informático de estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) na versão 18.

## 5. Estudo de caso do *canyoning*

Relativamente à análise e discussão dos resultados apenas se apresentam os dados do grupo do 'profissional', tendo em conta o contexto da anima-

ção turística<sup>1</sup>. Ainda assim apresenta-se a análise comparativa com os grupos 'amador' e 'praticante'.

No que respeita à formação realizada, pode-se destacar o elevado número de profissionais sem qualquer formação específica (19,4%) ou com apenas formação de praticante (32,3%). Esta situação evidencia a necessidade de não só definir um modelo adequado para esta modalidade, mas também de estabelecer níveis de exigência mínimos para a prática profissional, sendo extremamente preocupante e um fator de risco significativo, a existência de profissionais que enquadram a atividade com formação insuficiente, ou mesmo sem formação específica. Pois, segundo ODOT (2008), o recurso a um guia ou monitor profissional ou ao enquadramento de técnicos benévolos é considerado indispensável sempre que os praticantes não apresentem autonomia para a prática ao nível das técnicas de progressão.

Em relação aos pressupostos e estratégias de formação no âmbito do *canyoning* apresenta-se as expectativas dos profissionais relativamente a um conjunto afirmações.

Ao nível das estratégias de formação a implementar (Quadro 2), em geral, os técnicos corroboram

<sup>1</sup> Outros *outputs* deste estudo poderão ser consultados em: Silva, M., Silva, F., & Carvalhinho, L. (2013). Modelos de formação em turismo e desporto de natureza: Estudo de caso do *canyoning*. In M.C. Almeida (ed.) *Turismo e desporto na natureza* (pp. 86-101). Estoril: ADADesnível / ESHTe.

**Quadro 2** | Concordância com pressupostos e estratégias de formação

Pressupostos e estratégias de formação	Média*
A formação deverá assentar em vários níveis de competências com precedências obrigatórias na transição de cada nível.	2,48
A frequência de ações de formação/reciclagem deverá ser obrigatória.	2,13
O Estado deverá criar um título profissional, por níveis, e definir as respetivas funções e competências.	2,06
Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes de formação: 'praticantes' e 'técnicos'.	1,97
Só as entidades acreditadas pelo Estado deverão promover formação certificada (de aptidão).	1,84
O Estado deverá ter a iniciativa para reunir com as várias entidades formadoras, estabelecer parcerias e organizar a formação.	1,84
Os modelos de formação utilizados noutros países com mais experiência deverão ser considerados e adaptados à realidade portuguesa.	1,81
Em Portugal deve adotar-se um modelo de formação direcionado tanto para os praticantes e técnicos desportivos como para profissionais (enquadramento de grupos em animação turística).	1,10
Os modelos de formação na área do <i>canyoning</i> , em Portugal, respondem às necessidades existentes.	-0,13

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: \*Resultado médio da opinião global dos profissionais, tendo em conta uma escala de concordância de sete níveis (- 3 'discordo totalmente' até ao 3 'concordo totalmente').

com o desenvolvimento de formação de técnicos, considerando diferentes níveis de competências, aos quais devem corresponder títulos ajustados às respetivas funções e competências. Evidenciam também que o Estado deverá ter um papel mais ativo e que se devem considerar os modelos de formação utilizados noutros países, adaptando-os à realidade portuguesa, uma vez que os modelos existentes, em Portugal, não respondem a todas as atuais necessidades. De salientar ainda que os profissionais entendem que os modelos de formação em *canyoning* em Portugal não respondem às necessidades para o enquadramento da atividade no âmbito da animação turística. Quanto à análise comparativa, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Relativamente à importância das competências (Quadro 3) a transmitir pelos modelos de formação em *canyoning*, as mais valorizadas foram as competências associadas à 'segurança' (gestão do risco, resgate e auto resgate), 'técnicas de progressão em *canyoning*', 'primeiros socorros', 'equipamento de percursos' e 'meteorologia'. Deste modo, os modelos de formação em *canyoning* devem assegurar que sejam transmitidas diversas competências, salientando-se as associadas à segurança e à técnica.

Estes resultados realçam a importância das competências associadas à segurança por se tratar de uma atividade multidisciplinar que apresenta risco acrescido; depende igualmente em grande medida da imprevisibilidade do meio ambiente, como também existe a possibilidade efetiva de ocorrerem acidentes e lesões, num meio de difícil acesso e resgate, o que enfatiza a importância no domínio de conhecimentos e formação na área da segurança e socorro.

Neste sentido, é fundamental assumir uma postura preventiva, o que reforça a importância reconhecida pelos inquiridos das competências associadas à técnica, determinantes para se desenvolver o *canyoning*, sobretudo ao nível das diversas técnicas de progressão, conhecimento dos equipamentos, das águas bravas e de montanhismo e escalada, dado tratar-se de uma atividade muito complexa e estes serem a base para a sua realização.

Considerando a análise comparativa, verifica-se que apenas existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, na variável 'turismo', onde o grupo 'profissional' apresenta médias significativamente superiores às do grupo 'praticante'. Esta diferença pode ser decorrente do exercício profissional do *canyoning* por parte do grupo

**Quadro 3** | Competências: importância, auto percepção e necessidades de formação

Competências	Importância*	Auto percepção*	Necessidades de formação**
Segurança (gestão do risco, resgate e auto resgate)	5,61	4,48	1,13
Técnicas de progressão em <i>canyoning</i>	5,58	4,68	0,90
Primeiros socorros	5,23	3,81	1,42
Equipamento de percursos (colocação de ancoragens)	5,10	4,32	0,78
Meteorologia	5,00	3,61	1,39
Planeamento e gestão de atividades	4,97	4,84	0,13
Meio ambiente e impactes ambientais	4,97	4,35	0,62
Hidrologia	4,84	3,42	1,42
Cartografia, orientação e navegação	4,77	4,29	0,48
Comunicação, dinâmica de grupos	4,77	4,74	0,03
Águas bravas	4,77	3,55	1,22
Gestão e elaboração de informação (croquis, guias, etc.)	4,68	4,16	0,52
Intervenção pedagógica	4,39	4,58	- 0,19
Animação turística e desportiva	4,26	4,74	- 0,48
Fisiologia	4,19	3,74	0,45
Turismo (conhecimentos gerais)	4,16	4,48	- 0,32

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: \*Resultado médio da opinião global dos profissionais, tendo em conta uma escala de apreciação *Likert* de sete níveis (0 'nada importante' até ao 6 'extremamente importante').

\*\*Resultado da diferença entre a importância atribuída a determinada competência por parte dos profissionais de *canyoning* e a percepção que apresentam sobre a mesma.

'profissional', visto que nesta ótica esta atividade enquadra-se no âmbito turístico.

Relativamente à perceção das competências pessoais (Quadro 3), i.e., a capacidade que os profissionais de animação turística julgam possuir no desempenho de determinada competência no âmbito do *canyoning*, destaca-se que as competências associadas ao 'planeamento e gestão de atividades' são as que apresentam maiores índices de desempenho. Este facto pode estar associado a alguma subjetividade associada ao atributo, bem como pela analogia destas competências com outro tipo de atividades. No entanto, é de realçar a sua relevância para o controlo e coordenação da atividade, nomeadamente ao nível do rácio quantidade e capacidade dos participantes/dificuldade do itinerário, ou a relação quantidade de técnicos/participantes, ou ainda ao nível da gestão do equipamento e do tempo. De realçar, também, as competências de 'comunicação, dinâmica e gestão de grupos', 'animação turística e desportiva', 'técnicas de progressão em *canyoning*' e 'intervenção pedagógica', reforçando as capacidades relacionais e comunicativas transversais a outras atividades de animação turística.

Quanto às competências onde são reconhecidas menores capacidades de desempenho são ao nível da 'hidrologia' e 'águas bravas'. Esta lacuna de conhecimentos nestas áreas é particularmente preocupante, uma vez que as condições aquáticas (movimentos de água perigosos, caudal e profundidade da água) e as cheias repentinas são fatores de risco que apresentam potencial de levar a danos físicos graves e, até mortais. Outras competências com índices de competência mais baixos são ao nível da 'meteorologia', 'fisiologia' e 'primeiros socorros', o que uma vez mais é de salientar tendo em conta a importância destas facetas para a segurança e bem-estar dos intervenientes.

Tendo em conta a análise comparativa, constata-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. No que diz respeito às variáveis 'técnicas de progressão em *canyoning*', 'gestão e elaboração de informação', 'comunicação,

dinâmica e gestão de grupos', 'planeamento e gestão de atividades', 'animação turística e desportiva' e 'turismo', o grupo 'profissional' apresenta médias significativamente superiores relativamente aos grupos 'amador' e 'praticante'. Relativamente à variável 'equipamento de percursos', os grupos 'profissional' e 'amador' apresentam médias significativamente superiores às do grupo 'praticante'. Já em relação às variáveis 'segurança', 'águas bravas', 'hidrologia' e 'intervenção pedagógica', o grupo 'profissional' apresenta médias significativamente superiores às do grupo 'praticante'.

Estes resultados podem justificar-se pelo nível de experiência prática (n.º de anos de atividade), de formação e conhecimento da atividade, como se pode constatar pela maior experiência e conhecimento da atividade, do grupo 'profissional' em relação aos grupos 'amador' e 'praticante', bem como do grupo 'amador' relativamente ao grupo 'praticante'.

No que se refere às necessidades de formação (Quadro 3), resultantes da diferença entre a importância atribuída a determinada competência por parte dos profissionais de *canyoning* e a perceção que apresentam sobre a mesma, a conjuntura é algo alarmante, com os inquiridos a apresentarem lacunas de conhecimentos em áreas delicadas ao nível da gestão do risco e da segurança. As maiores carências verificadas são ao nível dos 'primeiros socorros', 'hidrologia', 'meteorologia', 'águas bravas' e 'segurança'.

Considerando a análise comparativa observa-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. No que se refere às variáveis 'segurança', 'intervenção pedagógica', 'planeamento e gestão de atividades' e 'animação turística e desportiva', o grupo 'profissional' apresenta médias significativamente superiores relativamente aos grupos 'amador' e 'praticante'. Quanto à variável 'equipamento de percursos' os grupos 'profissional' e 'amador' apresentam médias significativamente superiores às do grupo 'praticante'. Ao passo que nas variáveis 'técnicas de progressão em *canyoning*', 'gestão e elaboração de informação', 'águas bravas',

'hidrologia' e 'comunicação, dinâmica e gestão de grupos', o grupo 'profissional' apresenta médias significativamente superiores em comparação com o grupo 'praticante'.

Estas diferenças podem, uma vez mais, justificar-se pelo nível de experiência prática, de formação e conhecimento da atividade, ainda assim é necessário ter em consideração as reais carências de formação, de acordo com as diferentes formas de desempenhar a atividade, isto é, um técnico que desenvolva a atividade profissionalmente terá que possuir, à partida, um nível de competências muito superior que um simples praticante desportivo.

## 6. Considerações finais

Atendendo às novas motivações e 'mescla' de desejos dos indivíduos de uma sociedade mais urbana, móvel e lúdica, relativamente à forma como procuram usufruir do seu tempo livre e momentos de lazer, a atividade turística tem-se adaptado. O turismo na natureza e de aventura adaptam-se a esta mudança de paradigma na sociedade oferecendo a prática de atividades que representam um contraste acentuado relativamente ao quotidiano da sociedade e garantem experiências únicas que possibilitam o contacto com o desconhecido e diferente, bem como a fuga à monotonia.

Perante um turista mais ativo, a animação turística apresenta-se como um elemento fundamental para complementar o setor turístico, comercializando atividades recreativas, culturais e desportivas, com especial destaque para as atividades desportivas de aventura e na natureza, como por exemplo o *canyoning*, que se tem expandido rapidamente por ser uma atividade bastante lúdica e que proporciona aventura e um estreito contacto com o meio ambiente.

Em Portugal, a juventude e sazonalidade do setor da animação turística, e em particular a recente implementação e utilização do *canyoning* como atividade turística, reflete-se num nível de competências

técnicas e experiência prática relativamente baixa. O estudo de caso aplicado ao *canyoning* permitiu, considerando que se trata de uma atividade com grande potencialidade para a animação turística, constatar que no ano de 2010 um elevado número de técnicos de *canyoning* em Portugal se dedicavam a esta modalidade sem qualquer formação específica ou com formação insuficiente. Daí deduz-se que seria mais do que útil desenvolver modelos de formação que respondam às necessidades e suprimam as lacunas existentes, principalmente ao nível da formação de técnicos.

Considerando que as maiores necessidades de formação foram registadas em áreas delicadas ao nível da gestão do risco e da segurança, bem como o facto de estarmos perante uma atividade com um risco potencialmente elevado, que implica uma abordagem multidisciplinar, muitas vezes exigente e complexa em termos técnicos, reafirma-se a necessidade de formação específica na área do *canyoning*, sendo fundamental desenvolver iniciativas, em Portugal, que regulamentem a oferta formativa não só para esta área mas para qualquer atividade turística e desportiva de aventura. Assim, a implementação de modelos de formação adequados que garantam a aquisição das competências necessárias para uma prática segura e sustentável é indispensável para o desenvolvimento destas atividades.

Deste modo, a formação deve ser vista como um meio essencial para proporcionar aos monitores, profissionais e benévolos, de *canyoning* competências técnicas, de segurança, pedagógicas, de gestão, de comunicação, associados ao meio, entre outras. Generalizando, os autores defendem também que, para qualquer atividade de animação turística de desportos de aventura na natureza, a formação e qualificação de recursos humanos, bem como a criação de um título profissional, assente numa formação adequada é, tendo em conta as especificidades destas práticas, fundamental para o desenvolvimento de serviços de elevada qualidade e segurança, e certamente um fator de competitividade e de diferenciação.

## Referências bibliográficas

- Almeida, P. (2004). A gestão da animação turística como sustentação do aumento das taxas de ocupação. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1, 23-30.
- Buckley, R. (2010). *Adventure tourism management*. Oxford: Elsevier.
- Burnay, M. (2006). O Turismo sustentável e o turismo de natureza: Constrangimentos e oportunidades. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 6, 167-179.
- Câmara, P., Guerra, P., & Rodrigues, J. (2001). *Humanator 2001: Recursos Humanos e Sucesso Empresarial*. Lisboa: D. Quixote.
- Carvalhinho, L. (2006). *Os técnicos e as actividades de desporto de natureza: Análise da formação, funções e competências profissionais*. Tese de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Cater, I. (2006). Playing with risk? Participant perceptions of risk and management implications in adventure tourism. *Tourism Management*, 27, 317-325.
- Decreto-Lei n.º 95/2013, de 19 de julho, Diário da República, 1.ª série – n.º 138, Lisboa: Ministério da Economia e do Emprego.
- Ferreira, P. (2003). *Guia do animador: Animar uma actividade de formação*. Lisboa: Multinova.
- Hudson, S. (2003). *Sport and adventure tourism*. New York: The Haworth Hospitality Press.
- Instituto para a Qualidade na Formação [IQF] (2005). *O turismo em Portugal: Evolução das qualificações e diagnóstico das necessidades de formação*. Lisboa: Instituto para a Qualidade na Formação.
- Marcial, R. (2003). Turismo, desporto e aventura. In Instituto de Turismo de Portugal (Eds.), *Novos consumos, novos produtos turísticos: encontro técnico 2003 – livro de actas* (pp. 165-170). Lisboa: Instituto de Turismo de Portugal.
- Mehmetoglu, M. (2007). Typologising nature-based tourists by activity: Theoretical and practical implications. *Tourism Management*, 28, 651-660.
- ODIT (2008). *Valorisation et promotion du tourisme et des loisirs sportifs de nature en zone de montagne*. Paris: ODIT France.
- OMT (2003). *Turismo internacional: uma perspectiva global*. São Paulo: Bookman.
- Silva, M. (2010). *Modelos de formação em turismo e desporto de natureza: Estudo de caso do canyoning*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril.
- Soto, C. (2007). Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: un fenómeno moderno o posmoderno. *Revista Apunts – Educación Física y Deportes*, 89, 81-87.
- Soto, L., Hernando, M., Fernández, J., & García, F. (2003). *Descenso deportivo de cañones*. Barcelona: Federación Española de Espeleología.
- Sung, H. (2004). Classification of adventure travellers: Behavior, decision making and market trends. *Journal of Travel Research*, 42, 343-356.
- Turismo de Portugal, I. P. (2006). *Plano Estratégico Nacional do Turismo*. Lisboa: Turismo de Portugal, I. P./Ministério da Economia e de Inovação.
- World Tourism Organization [WTO] (2003). *Sustainable development of ecotourism*. Madrid: World Tourism Organization.
- Wu, C., & Rong-Da, L. (2011). The relationship between white-water rafting experience formation and customer reaction: a flow theory perspective. *Tourism Management*, 32, 317-325.